

cR | Centro
de Referência
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do
Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org

MOBRAL X EDUCAR



Vicente Barreto

Uma possibilidade de se direcionar a máquina do MEC para a educação básica

Há três meses o presidente do Mobral, agora presidente da Educar, Vicente de Paulo Barreto, acreditava possível salvar o Movimento Brasileiro de Alfabetização, com ajuda de educadores como Paulo Freire. Na última segunda-feira, porém, o presidente Sarney e o ministro Maciel anunciaram o fim do faraônico projeto de alfabetização de adultos montado por Jarbas Passarinho, durante o governo Médici que houve? Uma mera troca de nomes? Ou uma real transformação no projeto educacional do Governo brasileiro? Que papel têm neste processo o educador Paulo Freire e a diretora do INEP, Vanilda Paiva?

MARIA DO ROSARIO CAETANO
Repórter Especial

"O Mobral só atenda à população adulta. A Fundação Educar atenderá a jovens e adultos".

Esta é uma das mais substanciais modificações propostas pelo Ministério da Educação, no momento em que substitui o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado no Governo Médici, pela Fundação Educar.

Na manhã de ontem, o presidente da nova Fundação, Vicente de Paulo Barreto, carioca, 46 an[os], enumerou diferenças sensíveis entre o "falecido Mobral" e a nova instituição. Vale lembrar que Barreto conhece bem os dois órgãos, o "falecido" e o nascente, pois, desde março último, dirigia o Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O Mobral era um organismo de ação centralizada e função executiva. A Educar atuará de forma descentralizada, ajudando Municípios, Estados e entidades organizadas da sociedade civil. Nossa ação será regionalizada. Não vamos executar projetos, mas sim, cooperar com organismos municipais, estaduais e oriundos de movimentos de igrejas, associações de bairro e zonas rurais, por exemplo.

O faraônico Mobral, criado pelo ministro da Educação e Cultura do Governo Médici, Jarbas Passarinho, foi realmente desmontado?

Vicente Barreto, em sua entrevista de ontem, deu a entender que sim, pois, segundo seu entendimento, a Educar não é "um mero organismo de substituição do Mobral, mas sim, um novo órgão, com princípios próprios e renovada compreensão da realidade educacional brasileira".

Barreto cita, então, as cinco linhas básicas da ação da Fundação Educar: "desenvolver ações educacionais próprias — salas de aula, escolas comunitárias, escolas abertas — onde existirem crianças, jovens e adultos fora da rede de ensino; atuar na qualificação do professor leigo nos programas do Ministério da Educação e das secretarias estaduais e municipais; atuar como órgão complementar do sistema regular, dando apoio técnico e financeiro a projetos educacionais comuns às secretarias estaduais e municipais; apoiar, através de projetos conjuntos, atividades educacionais não-formais de Igrejas, sindicatos, empresas, associações de moradores e clubes de serviço, que tenham por objetivo assegurar a educação correspondente ao mínimo educacional, ainda que não conferindo diploma aos participan-

tes; desenvolver atividades educacionais próprias para garantir o mínimo educacional a grupos sociais específicos como, por exemplo, funcionários públicos municipais, populações jovem e adulta dos assentamentos rurais, presidiários, tripulações embarcadas e populações de conjuntos habitacionais".

O presidente da Fundação Educar garante que, agora, a entidade não mais tentará substituir o município em sua função, mas sim, "desenvolver atividades em caráter de cooperação, ou atividades capazes de preencher os vazios educacionais não ocupados pelo sistema escolar estadual e municipal".

PAULO FREIRE

Três meses atrás, Vicente Barreto ainda tinha esperança de "salvar" o Mobral. Para tanto, esperava contar com o apoio de nomes importantes como o do pedagogo pernambucano, Paulo Freire, autor, nos anos 50, de um método de alfabetização de adultos, aplicado na periferia do Recife.

Ao que indica, Freire, hoje reconhecido mundialmente como um dos mais importantes pensadores da educação e da cultura, não quis salvar o "moribundo" projeto criado 15 anos atrás, quando experimentava seu sétimo ano de exílio. Há quem, ao ver uma cartilha

do Mobral, reconheça nela, semelhanças com o Método Paulo Freire. Este assunto, aliás, motivou a pesquisadora Gilberta Januzzi a escrever tese intitulada "Confronto entre o Método Paulo Freire e o Mobral". As semelhanças, se existem, são superficiais. O pedagogo, em seu polêmico Método, defendia a **escolha de palavras-geradoras** retiradas do cotidiano do educando, se ele era um trabalhador dos canaviais, sugeriria palavra comuns a seu universo semântico como, por exemplo, cana, engenho, etc. Se era um trabalhador da construção civil, poderia trabalhar com palavras como favela, tijolo, etc. O Mobral, de certa forma, reconheceu a força das **palavras-geradoras**, mas não quis do Método Paulo Freire, o que ele tem de essencial o revolucionário: a noção de que a Educação deve gerar a conscientização do educando, tornando-o cidadão cónscio de seus direitos políticos.

Se o Mobral negou a essência do Método Paulo Freire, e o Governo que o implantou manteve o pedagogo no exílio, por que razão, agora, ele ajudaria a salvar o "defunto"?

Vicente Monteiro não respondeu à pergunta. Tergiversou, lembrando que "Freire e outros nomes da pedagogia brasileira têm sido ouvidos na questão da educação de adultos".

O criador da "Pedagogia da Libertação" é, hoje, professor da PUC de São Paulo e da Unicamp, e militante ativo do PT (Partido dos Trabalhadores).

Seu método de alfabetização de adultos continua despertando interesse no mundo inteiro e sendo experimentado em países do Terceiro Mundo. O foi, com sucesso na Nicarágua, e na África Portuguesa. Há quem acredite, no entanto, que o prestígio internacional de Paulo Freire se deve ao apoio que lhe foi — e é dado — pelo Conselho Mundial das Igrejas, organismo sediado na Suíça. Questiona-se, também, o resultado de seu Método, argumentando-se que em países onde se verificou processo revolucionário e se experimentou a alfabetização de adultos segundo a ideia freireana, não se chegou a resultados concretos. Resta perguntar, neste caso, a culpa é do Método ou da falta de condições históricas objetivas capazes de permitir a sedimentação do processo educacional?

Apesar das controvérsias que desperta, o Método Paulo Freire continua sendo um "grande desconhecido" em seu próprio País. Já que foi formulado no fim dos anos 50 e, no início de 1964, com o advento do regime militar, tornou-se "subversivo e proscrito". O País, portanto, ainda não aplicou o método Paulo Freire, a não ser em experiências isoladas.

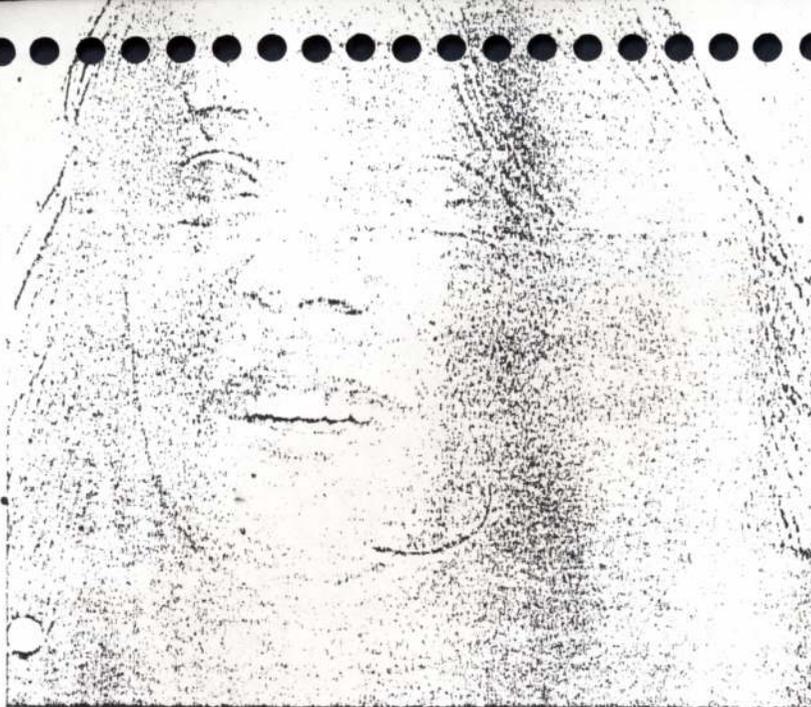
Nada mais que um "Mobral melhorado"

Analisando a Fundação EDUCAR dentro do contexto político em que ela está sendo criada, a professora Maria Alice, do Departamento de Educação da Unil, considera que o

para o mercado e, portanto, ensinar a ler, escrever e contar um fim em si mesmo". Diz, ainda, que todas as decisões eram tomadas de cima para baixo e o processo era

Correio Brasileiro

FDF-OTPH-01-0260



Vanilda Pereira Paiva, mentora do fim do Mobral

Vanilda Paiva, uma nova estrela da educação

Por trás da decisão do ministro Marco Maciel, da Educação, em acabar com o Mobral e substituí-lo pela Fundação Educar, está uma assessora muito especial: a carioca Vanilda Pereira Paiva, 42 anos, diretora do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais).

Vanilda é um dos nomes mais âmbicos da Educação Brasileira. Não é tão conhecida como os sexagenários Paulo Freire, Darcy Ribeiro e Lauro de Oliveira Lima, mas deve ser, com um grupo de quarentões que fermenta, nas universidades, a nova filosofia da Educação nacional, uma das estrelas da próxima década.

Ambição para tal e espírito de luta, ela tem. Peemedebista da ala progressista, bem relacionada nos meios ligados ao Partido Comunista Brasileiro (fil espoua de Leandro Konder, ex-membro da direção regional do PC no Rio), ela cheiou ao INEP, a convite de Marco Maciel. Alá, Maciel é um entusiasta das idéias, estudos e reflexões desta professora da Universidade Federal Fluminense, que lutava em conferências e debates educacionais, e costu-

mava ir à imprensa polemizar, com contadores de primeira grandeza: Darcy Ribeiro, vice-governador, secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia do Rio, e ex-ministro da Educação e Cultura (Governo Goulart). Com Paulo Freire, ela polemizou academicamente: sua tese de doutorado defendida na Alemanha, intitulada-se, exatamente, Paulo Freire e o Nacional Desenvolvimentismo (publicada em livro em 1980).

Pois é esta mulher, assessora que frequenta com assiduidade o Gabinete do fim do Mobral, atecercada em argumento sólido: o que adianta gastar dinheiro para alfabetizar adultos, se há oito milhões de crianças fora da escola?

Raciocínio cristalino: o que serão, no amanhã, essas oito milhões de crianças — analfabetas, senão oito milhões de adultos-analfabetos? Sensível, o ministro Marco Maciel compreendeu que era preciso demonstrar a poderosa (e segundo muitos, altamente corrupta) máquina do Mobral, que em seus 15 anos de história deixou saldo lastimável: 20 milhões de adultos totalmente analfabetos e outro tanto de analfabetos-

funcionais. Ou seja, pessoas que sentaram-se nos bancos do Mobral, mas só aprenderam a desenhar o nome e algumas palavras. Se, por um desafio cotidiano, precisarem entender (interpretar) um texto, dos mais simples, não saberão dizer o que ele enuncia.

"Tudo pelo ensino básico, sem dispersão de forças", parece ser a mola mestra do pensamento de Vanilda Paiva e de seus correligionários na área da Educação. E quem são eles? São os pedagogos que se agrupam no PMDB e não os "anarquistas católicos", que circundam Paulo Freire, as Comunidades Eclesiais de Base e o PC.

Jarbas Passarinho, o pai do Mobral, em artigo publicado na imprensa, perguntou: "Basta mudar o nome do sabão para que ele melhor de qualidade". Todos sabemos que não. Como sabemos que a mudança não foi só de nome. Verificou-se mudança de princípios. Se ela não parece evidente, é porque ainda não nos foram reveladas, com nitidez necessária, as idéias da polémica "escudela" do pernambucano-mais-mineiro do Brasil, o ministro Marco Maciel. (IMRC).

EDUCAR dentro do contexto político em que ele está sendo criado no Brasil. Maria Alice, do Departamento de Educação da UNB, considera que o projeto de alfabetização desta nova instituição pode ser classificado de "bem comportado". Na sua opinião, pelo pouco que se conhece, a Fundação para Educação de Jovens e Adultos tem tudo para ser "um Mobral melhorado" e explica por que: "Não vejo perspectivas de grandes possibilidades de mobilização popular, porque o projeto foi planejado dentro do sistema oficial, verticalmente estabelecido".

Na opinião de Maria Alice, as experiências de educação de massa devem ser sempre analisadas a partir do contexto político e econômico em que estão inseridas. Especialistas em alfabetização, fala com segurança que estes "movimentos" só deram certos em períodos revolucionários. "Quando não há isso os movimentos ficam meio amorfo" — comenta.

E com o olho sobre o atual momento político brasileiro (vivemos numa abertura, com um governo liberal e, no mesmo tempo conservador) que Maria Alice tira as suas conclusões sobre o que pode ser o trabalho de alfabetização desta nova Fundação. "O que se pode esperar de um processo de educação desse tipo, dentro de uma situação "normal", é uma coisa "bem comportada e amorfo".

Ela fez uma breve análise sobre a atuação do Mobral no passado. Não perdendo a perspectiva histórica, Maria Alice lembra que o Movimento Brasileiro de Alfabetização estava inserido num período autoritário e muito engajado no processo político e econômico vigente. "E nesse processo visava a arregimentação de mão-de-obra

para ler, escrever e contar. Era um fim em si mesmo". Maria Alice lembra que as experiências eram tomadas de cima para baixo e o processo era autodialógico. "Todas as decisões eram tomadas pelo MOBILAL central e não havia movimentação de base, era de cúpula" — acentua. Na sua opinião, o MOBILAL não contribuiu em nada para a mobilização popular.

Em contrapartida, Maria Alice cita a bem-sucedida experiência de alfabetização do educador Paulo Freire. No período em que a experiência foi praticada, de 1961 a 1964, o País vivia um populismo "travador" e o contexto político facilitava o método utilizado por Paulo Freire. Assim, ainda, que tudo foi realizado à margem do sistema oficial.

E facilitava por quê? Para Maria ALICE O GOVERNO populista precisava da pressão popular para atingir seus objetivos políticos. Contudo, chegou o momento em que essas pressões ultrapassaram as próprias expectativas dos governantes e a situação se reverteu. A professora faz questão de frisar que a experiência de Freire deu certo porque ele "utilizou" o povo, queria a conscientização e a transformação social.

Maria Alice acha que para o sucesso da Fundação Educar, os seus responsáveis deveriam fazer uma análise dos movimentos de educação de massa do único que houve no Brasil (o de Paulo Freire) e, sobretudo, das experiências dos países socialistas. A partir daí, conhecer os seus erros e acertos e trabalhar com uma nova perspectiva. Ela é de opinião que toda educação é engajada ideologicamente só que a educação nos países socialistas tem um engajamento favorável a maioria da população, o que não acontece nos países capitalistas.

O Fundamental é mudar o conteúdo

"Por enquanto mudou apenas a denominação, mas o fundamental é a mudança do conteúdo". Esta é a opinião do diretor-executivo do Sindicato dos Professores do DF, Jomar Alves Moreno, que, ontem, fez um breve comentário sobre o que foi o "MOBILAL" e sobre quais as suas expectativas com relação à Fundação EDUCAR, que o substitui.

Na opinião de Jomar Alves, a nova Fundação deve privilegiar a educação e não esquecer que a alfabetização não é só para o adulto. "Temos mais de 10 milhões de menores que não são alfabetizados e a EDUCAR deve ter a preocupação de trabalhar com os jovens".

Ele fez severas críticas ao antigo MOBILAL e afirmou: "O MOBILAL tinha uma preocupação ideológica, divulgando os valores da ditadura em detri-

mento do conhecimento pedagógico da alfabetização". Jomar espera que "o projeto EDUCAR realmente alfabetize e não seja, como foi o MOBILAL, um cabide de empregos para os filhotes da ditadura".

Jomar não sabe no certo quantas crianças e adolescentes, na faixa da educação obrigatória (de 7 a 14 anos), estão fora das escolas em Brasília. Mas discorda da posição da Secretaria de Educação quando afirma que este número não existe. Diz que o trabalho comunitário realizado pelo Sindicato, sobretudo na Ceilandia e Vila do Paranoá, aponta que muitas crianças não estão tendo oportunidade e nem condições de frequentarem uma sala de aula. Prova disso — conclui — é que a Secretaria está construindo mais escolas nestes locais.